



## **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM**

### **60º CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM**

#### **ESPAÇOS DE CUIDADO, ESPAÇOS DE PODER: ENFERMAGEM E CIDADANIA.**

### **DOCUMENTO FINAL**

Em tempo de mudanças no perfil demográfico da população brasileira, o Congresso Brasileiro de Enfermagem chegou à sua idade sexagenária e as montanhas de Minas e de um “belo horizonte”, presenciaram, mais uma vez, uma festa – do pensar, do refletir, do saber, de trocas materiais e simbólicas, de solidariedade e porque não do lazer.

Com o tema central - “Espaços de Cuidado, Espaços de Poder: Enfermagem e Cidadania” - subdividido em quatro dimensões: Cuidado, poder e cidadania nos espaços de assistência, gestão, educação e pesquisa, recebemos em torno de 3500 congressistas, com 1960 trabalhos inscritos, apresentados em 377 comunicações coordenadas, 136 concorrendo a prêmios e 1331 pôsteres, além dos 43 convidados que instigaram nossas reflexões e, possivelmente, apontaram algumas diretrizes para o fazer cotidiano da Enfermagem. Além disso, buscamos oportunizar discussões coletivas ao propor de certa forma um novo espaço para intercâmbio de saberes e das práticas cotidianas de cada lugar e de cada interesse, que foram os encontros temáticos. Os resultados dos mesmos estarão disponíveis em breve.

Reafirmamos, portanto, o compromisso da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn, que pautada em princípios éticos, na busca constante à melhoria da qualidade de vida da população e o acesso universal e equânime às ações e serviços de saúde, em seus oitenta e dois anos de existência (bem mais

madura na lógica da mudança demográfica), consolida-se na defesa da Enfermagem como prática social, essencial à assistência de saúde e à organização e funcionamento do Sistema Único de Saúde no Brasil.

Pautamos na proposta da atual diretoria (2007-2010) que além de preservar a história, o estatuto político e epistemológico da profissão, pretende articular novas estratégias para ampliar o reconhecimento e a visibilidade da Enfermagem, fortalecer laços, lutar pelos direitos dos usuários do SUS e dos trabalhadores de Enfermagem e da saúde, reafirmar a necessidade da vida associativa e promover a formação política dos associados. Reafirmando as palavras iniciais da Presidente Maria Goretti David Lopes para esse congresso, temos “o que comemorar, mesmo enfrentando tantas dificuldades, limites e desafios impostos pela conjuntura nacional e internacional, numa sociedade complexa e dinâmica, que ainda nega direitos individuais, sociais e econômicos, como direito ao trabalho, à educação e à saúde”. E, ainda, as palavras do Senhor Secretário de Saúde do Estado de Minas Gerais, ao afirmar que a enfermagem tem sido o sustentáculo da consolidação do sistema de saúde do país.

Porém alguns questionamentos e reflexões se fazem necessários, instigados pelas discussões advindas das idéias apresentadas pelos expositores que aqui estiveram. De que cidadania, estaremos falando hoje e nesse futuro próximo que é a volta à realidade do trabalho de cada um de nós que aqui estivemos? O que implica essa cidadania? As pessoas têm informações e podem decidir com autonomia e responsabilidade em relação a si e aos outros?

Diante dos 20 anos da Constituição Brasileira, essa jovem adulta conseguiu fazer com que nós realmente garantíssemos a ideologia máxima da Saúde como direito de cidadania? Nessa construção como estão os espaços do cuidado e do poder? Enfermeiras e enfermeiros, na atenção básica, estão sendo reposicionados na retaguarda da produção em saúde, ou de supervisoras do processo de trabalho, da forma como ocorreu na expansão do trabalho nos hospitais, no século XX?

A cada dia é necessário reconhecer o compromisso social dos trabalhadores de enfermagem e as dimensões éticas e políticas do cuidado da profissão, redescobrimo alternativas que facilitem a construção de práticas de cuidado que sejam integrais e integradoras, tomadas na perspectiva de sua construção social.

Essa perspectiva sinaliza que as práticas cuidadoras devem ser produzidas, reafirmando as articulações necessárias entre o ser, fazer, pensar e repensar a saúde, na sua potencialidade de reconhecimento da alteridade, redução de desigualdades, democratização do poder, sem relegar a participação social. Como um dos caminhos possíveis se apresenta a necessidade de um agir em redes que considere os diferentes interesses que constituem o viver humano. É inegável a melhoria de certos indicadores significativos, como as mudanças na distribuição da renda, a queda da mortalidade infantil, em todas as regiões brasileiras, o controle de algumas doenças infectocontagiosas, entre outros. Entretanto, há que se ressaltar a importância dos canais de participação e reivindicação que incluem profissionais e usuários, dentre outros participantes, em todos os espaços relacionados à produção de saúde, onde o cuidado e as relações de poder são, por vezes explicitados, discutidos e questionados.

Esses fóruns que congregam um número significativo de participantes representam um forte canal de reivindicação, de caráter democrático, poroso a profissionais e usuários, além de seus representantes oficiais e neles a enfermagem deve ser presente, pois aí elaboram-se novas políticas, como por exemplo, a humanização e qualificação do atendimento para todos os setores de atenção à saúde. É em todos esses espaços que a enfermagem deve ser ativa no acolhimento e inclusão dos usuários, principalmente com uma escuta qualificada que possibilite ouvir a voz daqueles considerados ainda excluídos do processo da construção desta cidadania de que tanto falamos. Portanto, o diálogo é um instrumento precioso, uma ferramenta indispensável na produção do cuidado em saúde. A qualidade do cuidado produzido vai depender da contribuição de cada pólo dessa relação.

Trata-se, portanto, de uma nova forma de ser - pensar – fazer - repensar saúde e um novo jeito de exercer o cuidado. Nesse sentido, são muitas as experiências positivas, em diferentes áreas, que vêm se espalhando por esse Brasil afora, ricas de criatividade, de inventividade, de sonhos, envolvendo profissionais, usuários e a população como um todo.

No processo do cuidado com o outro, enquanto cuidadores também nos reconstruímos enquanto sujeitos do “trabalho vivo em ato” Com isso, ressalta-se a idéia de que o cuidador também precisa ser cuidado, respeitado e valorizado entre os membros de sua equipe, reconhecido pela instituição como membro integrante de

um trabalho coletivo e estimulado permanentemente no sentido de sua qualificação. Caso contrário, a tendência é transferir ao usuário todas as suas insatisfações, transformadas em ações automáticas, por vezes, agressivas, sem qualquer sentido de alteridade e compaixão. No nosso entender, o trabalho em equipe não parece encontrar espaço para sua realização. E mais grave: esta é uma situação relativamente comum nos serviços de saúde. Portanto, questionamos como estamos cuidando de nós mesmos? Como tem sido construídos e exercitados o cuidado e as relações de poder? Como refletir acerca dos espaços de cuidado, poder, suscitados por esse congresso?

Se as respostas não nos vêm de imediato, é necessário vislumbrar políticas de saúde mais humana, mais alinhada com os propósitos de ampliação dos direitos sociais – direito à vida, direito à saúde –, e com o alargamento dos direitos de cidadania, portanto, em direção à constituição de uma democracia de alta intensidade na sociedade brasileira.

Os questionamentos continuam como conjurar as relações de trabalho no campo da saúde que se efetivam como estado de dominação e, então, construir espaços de democracia que afirmem o estatuto de cidadania para os trabalhadores, na direção que indicamos? Como fazer para que as lutas por outros modos de organização do trabalho não se reduzam às reivindicações dos direitos civis dos trabalhadores?

Se ainda não encontramos as respostas, é preciso pelo menos que se reconsidere a inventividade cotidiana do trabalho humano para novas formas de existência e por que não de resistência às determinações de uma organização do trabalho marcada por uma gestão verticalizada?

É preciso priorizar a capacidade de compreender e analisar o trabalho dos sujeitos-trabalhadores, priorizar sua atividade criadora como viventes humanos. Fazer circular a palavra nos locais de trabalho, criar espaços de debates coletivos, priorizar o potencial inventivo da produção em saúde é construir outros modos de subjetivação, de ser trabalhador, de ser cidadão. É abrir-se para alteridade e afirmar sua capacidade de sair de si mesmo.

Desta forma para a construção desse ser – fazer – pensar – repensar da saúde pergunta-se a quem pode interessar a enfermagem-ciência que estamos

construindo hoje para o futuro? Quais são os valores que têm orientado a formação nesse processo?

Para tanto talvez seja preciso contar com a aprendizagem de uma educação emancipatória orientada pela integralidade, equidade, universalidade e participação dos diferentes atores, sem a pretensão de que estaremos *construindo sujeitos do conhecimento*, mas fomentando sujeitos autônomos, criativos e reflexivos, proporcionando-lhes suporte para ser – fazer – pensar - repensar o mundo, a realidade e a produção de saúde. Só assim, os sujeitos do conhecimento podem ser formados para assumir papel e responsabilidade social no cuidado em saúde, coerente com a defesa da vida.

Na continuidade de nossos questionamentos – reflexivos há ainda mais uma provocação nesses espaços de mudança - “quem muda quem?” ou “como mudamos juntos?” Talvez estejamos em um labirinto... Porém, não estamos sós e nem paralisadas pelo medo! Talvez o temor natural frente à impossibilidade de não escolher, e de saber que também já fomos escolhidos, já estamos ali/aqui, que somos e seremos o resultado deste labirinto...do que está sendo e do que será.

Caberia reafirmar que este caráter também contingente se aplica as experiências que fazemos de nós mesmos, como nos experimentamos – como sujeitos éticos e de poder. Contingentes nos modos como nos produzimos em nossas diferentes práticas, em nossos diferentes espaços. Constatamos no cotidiano do trabalho inúmeras experiências que mostram enfermeiras à frente de processos de mudança e o reconhecimento da enfermagem como elemento decisivo para qualquer mudança.

Constatamos pelo que aqui ouvimos e discutimos que não há dúvida de que estamos mudando. O que nos faz mudar e o que carregamos junto com esta mudança? Possivelmente, escolhas responsáveis que implicam em tudo aquilo já apresentado até o momento.

Tais mudanças configuram-se nas relações de poder que circulam entre as redes que constituímos e no processo de trabalho da Saúde, no qual o conflito entre a teoria e a prática emerge de forma expressiva, uma vez que ele não se estrutura a partir de uma sucessão estável de transformações que se repetem de modo idêntico, mas se constituirá em um acúmulo de interfaces que abrangem um

combinado de historicidade de toda a natureza. Assim, a experiência de cada profissional é que define o seu perfil, sua competência mediante cada situação. Na experiência cotidiana é fundamental que sejam valorizados os saberes locais, não legitimados cientificamente. É preciso redimensionar os saberes no sentido de colocá-los contra os efeitos do poder centralizador ligado à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade. Assim de que forma a enfermagem em sua prática cotidiana de cuidar produz e reproduz as relações de poder presentes na sociedade? De que forma estabelecemos nossas relações com os membros da equipe e com as pessoas cuidadas?

Estamos, portanto, reinventando dia após dia as possibilidades de transformação decorrentes de mudanças nas formas de ser – fazer – pensar – repensar produtoras das subjetividades nos diferentes espaços das práticas de saúde.

Finalmente, saímos daqui reforçando propostas já estabelecidas anteriormente. Talvez com mais incertezas que certezas. Porém uma delas é preciso ressaltar: é preciso tomar a vida como critério de valor e pensar cidadania como um processo que leve à alteridade em todos os espaços de cuidado, educação, gestão e pesquisa. Que as relações sejam pautadas em práticas de liberdade, modos de subjetivação como combustíveis essenciais aos processos de construção de redes de ser – fazer – pensar – repensar a saúde, com autonomia e sentidos éticos na coexistência co-gestiva e solidária da saúde.

Que ultrapassemos as montanhas que circundaram essa “senhora sexagenária”, construindo o cotidiano da saúde em todos os lugares de onde viemos e possamos nos reencontrar sob o sol, frente à imensidão do mar para comemorar o sexagenário primeiro ano de existência desse nosso Congresso Brasileiro de Enfermagem!